

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA



REDACÇÃO

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — CARLOS JOSE CALDEIRA. — CASIMIRO ABREU. — ERNESTO BIESTER. — F. GOMES D'AMORIM. — F. PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. M. DE SOUSA MONTEIRO. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — LUIZ FILIPPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 3,500 rs. — Semestre 1,520 rs. — Trimestre 1,500 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 31 — SABBADO, 2 DE AGOSTO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 4,500 — Semestre 2,5100 rs. Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 5,5000.

SUMMARY.

As minhas calças — Recordações — Impressões de viagem — (continuação) — Importancia dos telegraphos electricos — O forte de Catalasete — Baile de mascaras — O Amazonas — Convento de Nossa Senhora da Consolação — A voracidade do lucio — Pobre Luiza — Telegraphia electrica — Festa do caminho de ferro do South-Western — Chronica — Bibliographia.

GRAVURAS — O Amazonas — Convento de Nossa Senhora da Consolação — Festa do caminho de ferro — Forte de Catalasete — Baile de mascaras.

FELIZ ACHADO!

Muitos dos nossos leitores conhecem praticamente o que é andar procurando casa pelo S. João ou pelo Natal. Aos que nunca se deram a esse trabalho parecerá facil a tarefa, porém enganam-se, como todos os felizes do mundo, quando se trata de miserias desconhecidas para elles. Procurar casa é sempre uma coisa fastidiosa, mas que pode ainda agravar-se por circunstancias especiaes, como, por exemplo, a necessidade de habitar n'um determinado bairro, não subir de primeiro ou segundo andar por motivos imperiosos, ou ter de limitar-se quanto á renda do quarto a uma certa quantia, além da qual, a exiguidade da bolsa não consente que se passe.

N'este ultimo caso estava eu (como sempre tenho estado e julgo que estarei até á morte) quando pelo S. João do anno... galguei os cento e tantos degraus de um esguio e vetusto predio, ali para as bandas da Cotovia, em consequencia de ter visto os classicos escriptos n'umas janellas do primeiro andar... contando do ceo. Ao cabo d'aquella perigosa ascensão, achei-me face a face com uma portinha já carunchosa, em que bati com os nós dos dedos para me annunciar ao locatario.

— Quem é? bradou lá de dentro uma voz rouca, que me indicava mau humor, e mau humor de mulher velha e pobre!

— Seu criado, minha senhora. Pode-se ver a casa? respondi eu adocicando a voz, que é naturalmente aspera e nasal.

— Está sobre palavra, replicou a seressa, afastando-se da porta com passos mal seguros.

— Pode dizer-me, ao menos, quantas casas tem, e em quanto anda?

— Tres casas, tornou a velha aproximando-se outra vez da porta: alcova, casa de fora, e cosinha. A renda são tres moedas por anno.

— Desculpe o incommodo.... mas podia-me dizer quem é o senhorio?

— É o conselheiro. E a velha abriu a porta. Era horrivel de fealdade... mas pouparei ao leitor a descripção d'este typo, que não pertence á historia que vae ler-se, e só apparece por incidente n'esta especie de introdução.

Ouvindo dizer — o conselheiro — fiquei á espera do resto, porém debalde, a velha não sabia mais.

— Porém qual conselheiro, minha senhora?

— Não sei. Eu só lhe ouvi chamar o conselheiro. — Ha muitos, minha senhora; muitos; talvez mesmo sabendo-se-lhe o nome fosse difficil encontrar-o, a não se lhe conhecer a morada.

— Aonde elle mora sei eu, que lhe fui lá pagar a renda da casa. É na rua Formosa, numero... segundo andar.

— Pois vou procural-o. Adeus, anjinho.

— Adeus, meu filho, respondeu a coruja em tom mais doce do que no principio do dialogo; e não cerrou a porta, em quanto eu não desci dois ou tres lanchos da escada.

A casa convinha-me. Bom sitio, preço modico, sufficientes quartos... Fui-me direito á rua Formosa.

O conselheiro estava jantando...

Agora está o leitor preparando-se para rir da figura do conselheiro e das suas bernardices?... Pois enganouse. Este conselheiro era capaz de dar conselhos assizados (o que acontece a poucos) e até era bem educado, instruido e cortez... Que tal?

Para não offender a sua modestia é que lhe occulto o nome n'esta singella narração.

Convidou-me para a sua mesa, tratou-me ás mil maravilhas, e afinal passou-me o competente recibo de moeda e meia, que eu lhe entreguei, pelo aluguel do quinto andar do seu predio da Cotovia.

Dia de S. Marçal tomei posse da trapeira, e encomendei-me devotamente ao dito santo, lembrando-me da altura em que me achava para escapar de um incendio.

Quando se entra de novo em uma casa, o usual é encontrar teias d'aranha, algum caco velho, e mais nada; porém eu quando me mudo, sempre costume ir revistar os armarios e recantos da nova habitação, na esperança de achar mais alguma coisa.

E d'esta vez achei!...

Adivinhae o que, leitores?

Um rolo de papeis, cuidadosamente lacrados, e com este letreiro em soffrivel *bastardinho*: AS MINHAS CALÇAS.

Esta preciosidade estava escondida em um buraco da carvoeira.

Lancei um olhar investigador á pantalone que tinha no corpo, e vi-a meia coçada, em seguida li de novo e em voz alta o rotulo do embrulho:

AS MINHAS CALÇAS!... São minhas, não ha duvida, accrescentei mentalmente; e sem reparar no pequeno volume que tinha na mão, imaginei ver sair d'aquelle involuero de papel um par de calças finissimas e ajanetadas.

Não succedeu assim, nem era possivel que tal acontecesse. Porém espero comprar um par de calças, muito boas e muito a meu gosto, com o dinheiro que o Editor da ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA me hade dar por este FELIZ ACHADO.

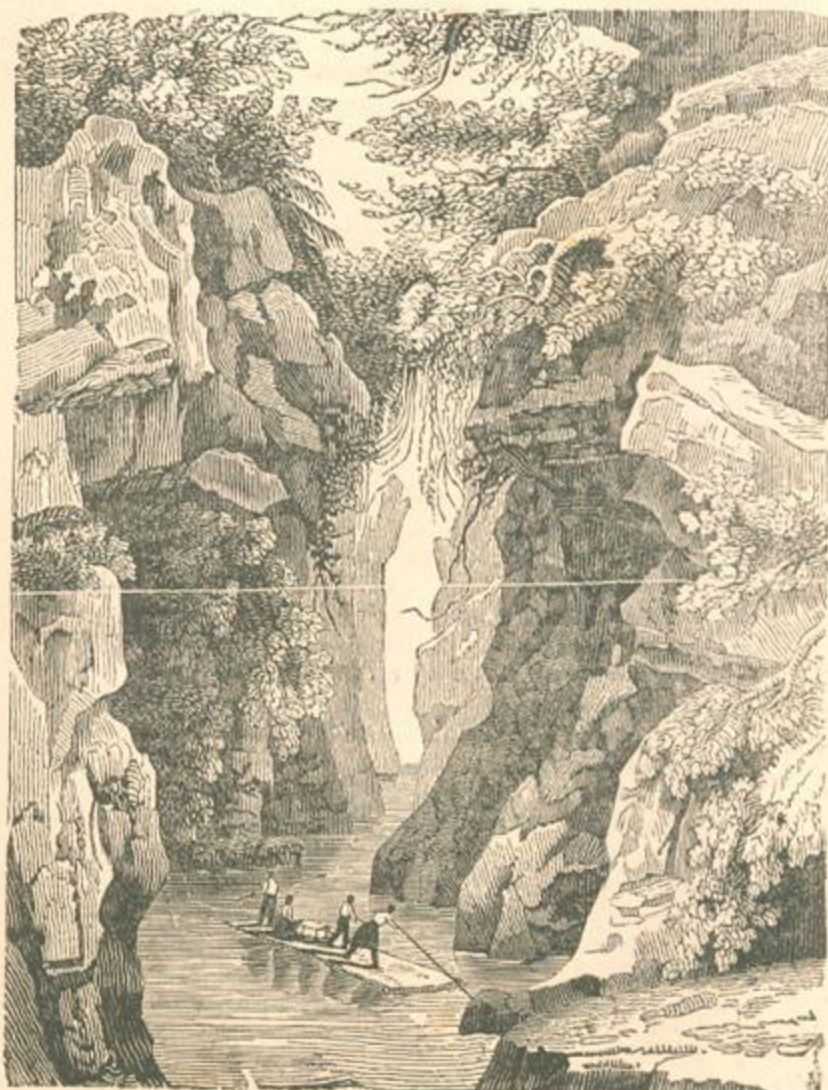
Rompí os sellos do mysterioso embrulho, sem me lembrar se peccava contra o codigo penal; mas bem depressa reconheci que não. Na segunda capa que encontrei, estavam escriptas estas palavras:

«Vou viajar. Não sei se voltarei a Portugal, se não. Em todo o caso aqui deixo em legado a quem vier habitar este quarto, um episodio das minhas memorias, para o fazer imprimir se quizer, mas com a condição de não indagar o nome do autor, nem o publicar jámais se acaso o descobrir.»

Rasguei apressadamente este segundo obstaculo, e li, sem descanso, desde a primeira até á ultima linha, o manuscripto que ora se vae estampar na ILLUSTRACÃO.

Se o autor voltar algum dia a Portugal, ou nos encontrarmos em outra parte do mundo, agradecer-lhe-hei pessoalmente o favor que me fez, sem me conhecer, e desde já lhe envio nas folhas d'este jornal os protestos da mais pura gratidão.

F. M. BORDALO.



O Amazonas.

AS MINHAS CALÇAS!

(MANUSCRITO ENCONTRADO EM UMA TRAPEIRA.)

PROLOGO.

Tinha passado a noite em uma orgia. Cêa lauta com Champagne e Porto, intervallos de puro cognac e Hollanda legitima, na companhia de formosas mulheres, isentas de preconceitos de raça...

Corre bem a vida assim! Estas cêas deixam vivas recordações, não esquecem jamais a quem uma vez molhou os beiços no calix da orgia; renegam porém d'ellas os austeros... renegam antes de provar! E praguejam de tão desmoralizador passatempo... por que não foram convidados!

Viva Deus, que me fez á sua imagem; e não o offenderei eu encobrindo o rosto com qualquer genero de mascara. Prefiro o sendal transparente do cynico á tunica impermeavel do hypocrita. Rio-me com gosto dos que a si se chamam *homens serios*... Nem homens! Nem serios!... Coitados!

Oh! estou de muito mau humor!... Mas aquellas calças... Ai! as minhas calças!...

Vamos ao conto.

E peço desde já ao leitor que perdoe alguma interrupção que appareça no fio da historia, por que eu não sou *homem serio*, como lhe disse, nem o quero ser, nem gosto de tal gente. Heide ajustar um dia as minhas contas com elles, fazer uma liquidação geral, ainda que a varios já tenho dado alguns *trocos*, por conta...

E a historia das minhas calças?

Vamos a ella... não direi com seriedade... mas, emfim, entraremos em materia.

Na manhã seguinte a uma d'estas noites de orgia (deliciosas noites!) levanta-se a gente ás onze horas da manhã, ou ao meio dia, e sae de casa sem almoçar, esperando que o exercicio e o ar livre lhe despertem o appetite. Foi o que me succedeu a mim em um agreste dia de janeiro... não me lembro de que anno. Tenho, porém, tão presente na memoria a serie de fatalidades que se me originou d'esse dia, como se fossem passadas hontem e hoje, e ainda que as não escrevesse, como vou fazer, não me seria facil esquecel-as.

Não sei se durante a minha vida, ou depois da minha morte, se descobrirá este manuscrito, que vae ser emparedado n'uma trapeira, mas em todo o caso sempre me dirijo a ti, leitor amigo e benevolo (o autor sempre é cortez com o leitor) para que desculpes o pouco colorido do estylo e outras faltas que possam ter estas memorias... Se não houver quem me leia, dou o dito por não dito.

Era por volta do meio dia, mas fazia um frio de arripiar. Sai da pucilga, onde escrevo agora estas linhas, no cimo da cotovia, e precipitei-me para o Passeio Publico, com uma velocidade desconhecida ainda nos caminhos de ferro em Portugal... Mas ah! ao transpor os robustos cancellos d'aquelle desgraçado parque, fui esbarrar com um corcunda... e eu em jejum!

Jurei não tornar a sair de casa sem almoço; e mettendo-me por uma das ruas lateraes para escapar aos *numerosos amigos*, que passei na rua central, cheguei a salvamento até aos salgueiros que circundam o immenso tanque; porém ahí cortou-me a passagem uma mulher de *saia-balão*!

Mal agoirado dia!

Emfim, a basilica passou, e eu segui para o Rocio; porém logo no largo de Camões deparei com um enterro... Se fosse sexta feira tinha voltado para casa; porém como era sabbado, despresei os agoiros, e investi com a praça de D. Pedro.

Ali passaram-me um bilhete de beneficio para o theatro... Era um pobresinho que tinha um ordenado dez vezes maior do que o meu, mas que se entretinha n'este modo de vida, uma vez por outra, para comprar vestidos novos á mulher e ás filhas. Já se vê, allegava sempre o *peso* da familia que tinha... e d'esta vez para o alliviar, alliviei-me a mim do peso de um crusado novo.

—Metto-me aqui pelo Arco do Bandeira, disse comigo mesmo, a ver se escapo de novos encontros, que podem ser tão desagradaveis como os precedentes.

Mas qual!... De cada lado do Arco me fizeram uma barretada, a que correspondi antes mesmo de conhecer quem me obsequiava. Era um agiota e um escrivão.

Qual cometa dos Cezares, nem qual bater dos sapatos dos Menezes... Estes presagios eram muito mais assustadores!

Voltarei para traz? não voltarei?... E n'esta perplexidade eis-me á porta do Marrare, ou Manuel Hespanhol — como quizerdes.

Ahi é que me caiu uma d'aquellas trovoadas que fazem metter a borda debaixo d'agua.

Peço perdão aos homens do mar se disse asneira. (*Não senhor; fallou bem.* — Nota do Publicador.)

O que seria? Ora imaginem... adivinhem!

Escorregar em uma casca de laranja, e quebrar ambas as pernas? — Peior!

Ouvir a historia de uma demanda a algum dos litigantes? — Peior... peior!

Então foi *artigo de fundo* que lhe leram. — Quente... quente!

Já sei; foi folhetim... — A ferver... a escaldar!

Ah! cá está o *chicote queimado*... Foi poeta que lhe leu uma *oriental* com versos exdruxulos, ou uma ode *omni-metrica*,

Ganhaste, leitor!...

Ah! que não sei de nojo como o conte!

Imagina que o meu vate inspirado sacca da algibeira um enorme masso de papeis... julguei que era tudo para me ler, e empallideci! Porém elle julgou socegar me, dizendo que era apenas uma poesia *ligeira*, de quatrocentos e quinze versos, de diferentes tamanhos e rima, que pretendia fazer-me saborear.

Eu tenho uma memoria prodigiosa. Ainda me lembro dos poucos versos que consenti em ouvir recitar ao tal *bardo*; e como são poucos, ahí os transcrevo, a ver se pela *escola* adivinham o autor.

Que bem te ficam, divinal donzella,
N'esse rosto trigueiro, mas tão bello,
Uns olhos verdes como a verde alface,
A par de emaranhado e ruivo pelo!

A quem te heide comparar
Virgem pura dos meus sonhos?
Á brisa que encanta o ar,
Ou aos furações medonhos?

Tenho idéas tetricas,
Pensamentos placidos,
Tudo misturado
Como leite e acidas,
Capazes de fazer indigestão
Ou cholera talvez,
Quando me lembro que te vi, querida,
Pela primeira vez,
De cabellos revoltos, e d'anégua,
Fogo no coração, nos olhos agua.
Ai! ai! ai! que se me parte o peito...

E mais ia por diante o monstro horrendo, quando lhe atalhei a expansão poetica, com a prosaica recordação de que ainda não tinha almoçado.

— Só mais esta tirada, dizia o vate, segurando-me pelo braço.

— Nem mais um verso, amigo, que eu estou em jejum, e tu muito bem almoçado.

— Pois attende; vou acompanhar-te ao café ou ao *Restaurant*, e lá te leio o resto. E mostro-te tambem algumas scenas de um drama sentimental que estou escrevendo...

Esta nova ameaça era de gelar o mais intrepido. Disse ao meu amigo que ia almoçar a casa de outro amigo, e corri pela rua abaixo, sem olhar para traz, como Loth fugindo de Sodoma.

Quando topei com a rua dos Retrozeiros, virei para a esquerda, e dirigi-me a casa do meu alfayate, para mandar fazer umas calças.

Em que dia!... Fataes calças!

O honrado mestre morava na rua da Prata. A escada da sua casa era estreita e escura, como é a maior parte d'ellas n'aquelle sitio; porém eu tinha-a subido trinta vezes; sabia-a de cór; não tinha que recear sinistro em tao limitada e habitual ascensão.

Assim mesmo lembrei-me que o dia ia asiago, e... apenas tinha subido quatro degraus, enredam-se-me nas pernas dois gatos assanhados, que vinham de escantilhão pela escada abaixo, e que por um triz não me põem de novo á porta da rua... tal foi o desequilibrio!

Benzi-me com a mão esquerda, e finalmente entreci com as costellas inteiras em casa do artista.

Estava um pretendente contando ao inoffensivo homem a longa historia dos seus requerimentos indeferidos e esperados, memoriaes infructiferos, e dias de audiencia perdidos...

Tratei de salvar o pobre mestre.

— Quero umas calças, com muita brevidade, clamei em tom de quem não quer esperar.

— Feitas? perguntou o mestre, levantando os olhos a meia testa.

— Não. Quero-as para depois de amanhã. Deixe-me ver casimiras, para escolher o corte.

— Temol-as optimas para inverno... dos padrões mais modernos; não debotam... e então de uma dura! Olhe, são rijas como uma porta.

Dizendo, e fazendo, o honrado alfayate matisava o balcão de fazendas de varias côres.

Aproximei-me.

De repente dá-me uma pontada horrivel sobre o coração. Comprimo-o com a mão esquerda, mas perco o equilibrio, e vou segurar me com a mão direita ao balcão. Involuntariamente, apoiei-me sobre um retalho de casimira verde escuro com listas de uma cór duvidosa entre o carmesim e o roxo.

O alfayate que não percebera o meu incommodo, e que intendeu que estava escolhida a fazenda por aquelle poisar de mão, deu-me os parabens pelo bom gosto que mostrava, e de certo se felicitou a si mesmo, em voz baixa, por ficar livre do mais feio corte de calça que tinha em casa.

Eu senti-me sem animo de replicar. Deixei o mestre no seu erro, e resolvi-me a aceitar as consequencias

d'aquelle engano, isto é. pagar as calças, e vestil-as quando estivessem promptas.

Desci a escada, e tomei pela rua da Prata acima, com tenção firme de recolher em seguida á minha pobre trapeira.

Qual! O destino tinha decidido o contrario! O dia estava frio como já disse; agora accrescentarei que fazia igualmente uma ventania terrivel... para as mulheres de pé grande e tibia fina. Porém a que eu vi não era d'essas!

Não!... Mas eu já tinha dito que encontrara uma mulher?... E o mesmo; digo-o agora. Ao desembocar na rua da Bitesga, vi enfunar-se ante mim uma saia de gros-de-Naples, descobrindo os mais perfectos alicerces humanos; e correndo a tomar a frente d'esta tentadora apparição, enverguei um rosto, que não sei se era gentil ou formoso para os mais, porém que me transtornou a cabeça, a mim!

Era uma rapariga de desoito a vinte annos, clara, fresca, loira, airosa; acompanhava-a uma velha trigueira, encarquilhada, encanecida, e corcovada. A menina sorriu-se para mim; a carcassa mediu-me da cabeça aos pés, e virou a cara com ar descontente.

Mas que tinha eu com a velha? O anjo sorrira-se para mim. Era feliz!

Era?... Veremos.

Tratei de compor o traje. A sobrecasaca não estava em mau uso, porém as calças tinham perdido a cór primitiva. Abotoei pois aquella; endireitei o chapéu, repuxei as luvas já cossadas, e mencei com garbo (ao menos assim o supuz) a minha bengalinha de unicorno.

E a rapariga a olhar para traz; e eu na sua esteira; e a velha segredando ao ouvido da moça. Assim chegámos ao Salitre.

Já tinha varado o porto hospitaleiro da minha trapeira; e seguindo o rumo d'aquelle estrella, que me guiava talvez á perdição, fui navegando descuidado, sem calcular o termo da viagem.

Chegámos ao largo do Rato, passámos a rua de S. Ambrosio; avistámos a igreja de S. Isabel, e voltámos para a rua de S. Joaquim. Ali terminaram as incertezas.

A gentil menina enviou-me um derradeiro sorriso, subiu a escada de uma modesta habitação, e desapareceu na porta do primeiro andar.

O occaso d'aquelle estrella, deixava-me sem rumo. Resolvi pairar, com a esperanza que nunca desampara o navegante.

(O homem tinha a bossa nautica pronunciada. — Nota do Publicador.)

E a esperanza sorriu-me! Um bilhete cór de rosa e perfumado veio cair-me aos pés, porém não vi a mão que o enviara. A janella abriu-se e fechou-se rapidamente. O papel continha estas palavras, escriptas com muito má letra, é verdade:

— Vou passar oito dias fora de casa; porém se quizer no domingo (23) venha fallar-me n'este mesmo sitio, ás dez horas da noite. Não posso ser mais extensa.

Pulei de contente. Beijei mil vezes o papelinho cór de rosa, que recendia mil aromas; ainda dei tres ou quatro voltas pela rua de S. Joaquim; depois dirigi-me a casa.

Estava feito heroe de uma aventura! Não comia nem dormia!...

E com que lentidão passavam os dias!

— Heide levar as minhas calças novas, dizia comigo mesmo, satisfeitissimo; apesar de que a entrevista é de noite... mas talvez que me abra a porta... Oh! sou muito feliz!

Pois sim, vel-o-hemos.

Continua.

RECORDAÇÕES.

I

Como foi, e ha quanto tempo
Que aquelle feliz momento,
Da minha vida passou?!
Não sei, que importa? — Era um dia,
Que o sol vivido inundava
A luxuriante campina.
A mesma glacial frieza
O coração me gelava,
Quando subito sentira
Um raio de luz divina
Que minh'alma illuminou.
Deslumbrado em vão buscava
Ver de onde essa luz partia,
A mente me delirava
Co'a ventura que sentia!

II

Oh! depois vi claramente,
Que de teu rosto innocente,
Partira o raio de luz,
Tão intenso, e tão sereno,
Como esse que nas pupillas,
Azuladas e tranquillias
Do anjo da nossa infancia
Melancolico reluz.

Parámos n'aquella estancia;
Dize, lembras-te Luiza
Como vinha fresca a brisa,
E que suave fragrança,
Recendia a viração?
Tu firmavas-te ao meu braço,
E eu mal respirar podia,
Que não sei que me opprimia,
Mas com que doce oppressão!

Parava, não de cansaço,
Porque o peito mais valente,
De mais vigor não se anima,
Nem com mais força se sente
Do que eu me sentia então.

Foi fatal aquelle instante
Para ti fatal embora,
Que viveste n'uma hora,
Inteira toda uma vida,
Do mais delirante amor;
Porque a tua alma querida,
Quando devéras se inflamma,
Devora com a sua chamma,
O prazer até á dor!

III

Doas lágrimas brilhantes
De teus olhos deslisaram,
Quando nós meus se fitaram
Formosos e scintillantes.
A expressão que eu n'elles via,
Deve de ser semelhante
Á que o justo vê no dia,
Do seu supremo juizo,
Nos do anjo fulgurante,
Que lhe aponta o paraizo.

IV

Como foi que aquelle encanto
A fatal mão do destino,
Para sempre nos quebrou?
Da noite o sombrio manto,
O teu semblante divino
A meus olhos occultou.
Oh! não foi n'esse momento,
Que ainda no firmamento
O lampejo d'uma estrella
As tuas pallidas faces,
De um reflexo illuminou;
E que um beijo longo, ardente,
Na tua bocca innocente
A minha bocca estampou!

V

Oh! não foi! Depois ainda
Na mesma noite encantada,
Te vi fulgurante e linda,
De brancas roupas trajada,
No turbilhão delirante
Do baile veloz passar;
Inda ali tanta esperança,
Tanto amor, tanta ventura,
Veiu minh'alma inundar:
Inda ouvindo aquella valsa
De entusiasmo estremecemos,
E desvairados corremos
Ao som da doida cadencia.
Ai! que fogo n'esse instante
Nos inflammava a existencia?!
Eu cingia-te anhelante
Entre meus convulsos braços,
E com teus ligeiros passos
Tu mal tocavas o chão.
Aquella doce harmonia
De instante a instante augmentava
Oh! como então nos batia
Agitado o coração!
Augmentava, e de repente
Como cortada torrente,
A melodia parou;
E nos meus braços, querida,
Extenuada, abatida
Por momentos te deixou.

VI

A aurora vinha rompendo
Quando teus olhos aos meus,
Proferiram eloquentes
Aquelle saudoso adeus.
Oh! vinha a aurora nascendo,
E nunca o seu doce alvor
Inundou em prado ou monte
Outra tão pallida flor!
Ao longe o indomado oceano,
Da brisa fresca agitado,
Ante nós bramava ufano.
Tu, voltaste horrorizado

O rosto co'a vista d'elle;
É que em breve a todo o panno,
O meu baixel correria
Por aquellas ondas torvas,
E de ti me apartaria!

Janeiro de 51.

R. DE BULHÃO PATO.

IMPRESSÕES D'UMA VIAGEM.

(Continuação.)

II

Dois eram os inglezes com quem tivemos a fortuna ou a desgraça de travar relações. Dois legitimos filhos da Grã-Bretanha. Cabello encarnado, perna longa, olho azul, pescoço esguio e emparedado na irrevogavel gravata branca.

Um d'elles, o mais moço, não se tinha corrompido ainda com o contacto da civilização estrangeira. Conservava intacta a sua preciosa originalidade. Não conhecia senão a lingua patria, o que era para mim o mesmo do que não conhecer nenhuma, de modo que as nossas relações tinham de desinvolver-se por meio da mimica, arte em que eu, mas sobre tudo elle, era de uma mediocre capacidade.

Parte do dia passava-o no exercicio da caça, da gymnastica, e nos intervallos distrahia se em experimentar a força de um sóco nas paredes ou nas portas, ficando com as mãos a escorrer em sangue.

No resto era a melhor e mais affavel creatura d'este mundo.

Não despendia, é verdade, mais que meia duzia de palavras por dia, mesmo com aquelles que tinham a fortuna de o entender; porém em compensação, consumia a rasoavel porção dos generos de primeira necessidade, nos quaes, segundo a sua *economia*, entrava com uma verba avultada, o Madeira secco, e cognac.

O outro era outra casta de inglez, e outra especie de homem.

Peço licença para o apresentar ao leitor porque o tenho, e tel-o-hei sempre bem presente na memoria.

Sir John era alto e bem proporcionado, testa espaçosa, olhos azues, rasgados e intelligentes, sorriso um pouco ironico, mas não d'essa ironia traiçoeira e má, que nos repelle quando a vemos escorregar pelos cantos vincados e contrahidos de certas boccas *voltairianas*. Maneiras eram da mais alta sociedade, conversação facil e agradável, epigrammatico ordinariamente, reservado antes de tomar familiaridade, eloquente sem pretensão, e erudito sem pedantismo. Este homem tinha sympathia comigo, e esta sympathia que o leitor deve suppor que me fosse agradável, era por circunstancias que mais para o diante explicarei, um verdadeiro supplicio.

Uma tarde sir John chegou-se a mim e disse-me:

— Quer vir dar um passeio comigo? Hoje não temos nevoa na serra, deve fazer-lhe bem.

Acceitei de boamente o seu convite. Montámos a cavallo e partimos juntos.

De manhã tinham caído alguns aguaceiros fortes, e succedera-lhes uma fresca brisa do norte, que, dissipando os vapores levantados da terra, havia totalmente purificado a atmosphera. De modo que fora do que ordinariamente acontece, aquellas serras destocadas de nuvens, recostavam-se no firmamento purissimo.

Transpozemos o portal da quinta e tomámos sobre a direita.

Não sei que haja nada mais agradável no mundo do que uma bella tarde do outono no meio d'aquella robusta e esplendida natureza.

Com a chuva que viera abundante, mas rapida, do terreno e das plantas recendia um cheiro forte e acre, que excitava os sentidos e desafogava os pulmões.

O inglez olhou duas vezes para mim sem dizer palavra, mas com o gesto de quem se applaudia intimamente.

Eu confesso que estava em plena inspiração; tive tentações de me apear do cavallo, e principiar a fazer versos. Retive-me com vergonha do meu amigo. Passavame pela imaginação mulheres pallidas, com os braços nus, o seio palpitante, e os olhos esgazeados e humidos de lagrimas que se derramam á lembrança de sonhos delectes.

Ao inglez duvido que lhe succedesse o mesmo, mas não estava tambem no seu estado normal. Brilhavam-lhe mais os olhos, e chegava de quando em quando as pernas á sua finissima egua americana, que saltava como uma gasella.

De repente sentimos no chão o batido e rapido galope d'um cavallo. Voltei-me, e vi um vezo que fluctuava ao vento, e a elegante figura d'uma mulher que passava.

Sir John grunhiu o que quer que fosse, que eu na minha profunda ignorancia da sua lingua materna, traduzi por *bous tardes*; e desapareceu como um relampago.

D'ali a momentos vi-o ao pé de mim com uma mulher desmaiada nos braços.

Cuidei que alguma vertigem me tinha deslumbrado. Apeei-me instinctivamente; abri bem os olhos, e fiquei sem poder articular palavra.

O arceiro chegava a esse tempo, trazendo de redeas os dois cavallos. Soube então por elle o que fôra. A egua

em que vinha montada aquella como visão, que eu vira, tinha-se desbocado. Sir John conhecera-o, e como?... como não sei eu, mas conseguiu salva-la.

O desmaio era apenas de susto, e a pallida flor das margens do Tamisa principiou a tornar á vida.

Derramou-se-lhe então pelas faces uma leve tinta como a que illumina a nuvem branca e transparente, quando um raio de sol no occaso lhe reflecte esmorecido.

Instantes depois estremeceram-lhe as longas e assedadas pestanas, descerrando-se, para deixarem ver uns d'esses olhos que reflectem a luz tão temperada, mas tão intensa, que traspassa até o mais intimo da alma. Em seguida fitaram-se languidos e requebrados nos de sir John, que a este expressivo e adoravel gesto, respondeu com outro grunhido, que eu provavelmente traduziria tão bem como o primeiro.

Dirigi-me depois a ella, e perguntei-lhe em francez como estava. Respondeu-me que bem, que havia sido meramente susto, graças á promptidão com que sir John lhe acudiria. Isto proferido no mais puro e elegante *parisiense*. Depois esvoaçaram-lhe pelos labios outras palavras que ninguem diria serem pronunciadas n'aquella *engasgada* lingua dos nossos amigos inglezes.

Oh! formosura! formosura! Quanto podes tu, que até os desafinados e impassiveis sons d'esse arrevesado idioma, se convertem em suave e melodiosa cadencia quando passam pela tua bocca de rosa.

A ingleza recuperava progressivamente o alento, e decidira-se a caminhar a pé, apoiada ao braço do nosso immortal sir John.

Eu confesso que olhava de revez para elle, horrivelmente despeitado, por não ter sido o heroe d'aquella aventura. E o maldito via com incrivel sangue frio aquelle rosto de anjo enquadado nas madeixas finas e aneladas de um cabelo loiro cendrado, sentia a delicada impressão d'aquelle braço que se apoiava tremulo ao seu, e não estremecia elle. Sobpesara aquelle corpo esbelto e flexivel como a haste tenra do arbusto novo, e não empallidecera, e não lhe refluiu o sangue todo ao coração.

Oh! descrido e fleumatico sir John! Quando a ti e aos teus concedeu o Todo Poderoso a mais perfeita raça feminina que tem havido depois da nossa mãe Eva, não comprehendo sinceramente o que fez.

Quando chegámos ao fim da alameda que ia bater na estrada real, demos de frente com uma casinha de campo avançada por um pequeno jardim, e situada em deliciosa posição.

Era um *cottage*, como ha tantos na Madeira, confortável e elegante, dos que os inglezes costumam tomar para passarem os mezes que residem n'aquella terra.

A porta de ferro abriu-se, e a joven senhora a quem já sir John havia feito a minha apresentação, nas impressíveis formulas do *style*, convidou-me a descansar. Desculpámo-nos, prometendo voltar no dia seguinte, e continuámos o nosso interrompido passeio.

Fui eu o primeiro a quebrar o silencio.

— Esta senhora é casada?

— Não; mas vae sê-lo em breve.

Fiquei desapontado. Sente-se sempre o que quer que seja desagradavel, quando sabemos que uma mulher bonita está nas vespas de pertencer a outro.

— E diga-me, conhece o noivo?

— Perfeitamente; é um rapaz gentil, e amam-se os dois loucamente.

D'esta vez fiquei desapontadissimo. Cortei o dialogo e acendi o charuto. Sir John tirou a sua cigarreira, pediu-me lume, e principiou a saborear as narcoticas fumaças de um delicioso *manilha*.

Aquella ceo desassombado e azul ferrete como o de Malta, aquellas serras altivas e luxuriantes, que o sol quasi no occaso, accidentava de carregadas tintas; o oceano que se descobria brilhando em fortes e cambiantes de luz, a imagem d'aquella mulher que passava rapida por diante de mim, que depois vira desmaiada e encantadora como as delicadas virgens de Guido, tudo isto fazia com que me corresse o sangue desordenado pelas veias, e me estremecessem as arcadas do peito ao bater convulso do coração.

Sir John foi quem d'esta vez rompeu o dialogo.

— Então que lhe parece esta formosura do meu paiz!

— Adoravel. É raro encontrar-se uma physionomia d'estas, tão regular e tão expressiva ao mesmo tempo. É um typo acabado da belleza do norte, que é o mais perfeito, o mais gentil de todos os typos.

— Julga isso? Pois não quer antes as hespanholas? Ha mais fogo n'aquelles olhos, mais vivacidade n'aquelles gestos, mais ardor n'aquelle sangue.

— Pode ser tudo assim, mas eu prefiro o porte modesto e recatado, a angelica e melancolica physionomia de uma ingleza, aos meneios provocadores, á travessa e chistosa cara de uma andaluza.

— Dispense-me, mas não tem bom gosto. Ha muito mais vida no brilho de uns olhos negros.

— E mais paixão, mais ardor talvez na temperada chamma dos azues.

— Não admira, o meu amigo é poeta, vive exclusivamente nas afastadas regiões do sentimento. Eu não, que quer? Sou feito assim. Embora me não traspasse a alma um sorriso casto e suave como o dos anjos, mas sinto-me estremecer ao contacto de uns labios abrasados e ao relampejar de uns olhos fascinantes.

— Pois está perfeitamente enganado. Isso que os ho-

mens nascidos sob o ceo nublado e frio da sua patria, sentem ao aproximarem-se das mulheres do meio dia, abraça-nos a nós quando nos sentimos ao pé das mulheres do norte. Não sabe que é nos seios da neve que lavra a chamma mais intensa e ardente?

— Sempre com imagens arrojadas, e pensamentos poeticos. Ora vamos, diga-me, parece-me que lhe fez impressão aquella senhora.

— A que costuma fazer sempre a vista de uma mulher bonita.

— Mas imagine que ella se apaixonava pelo meu amigo?

— Apaixonava-me eu tambem por ella; que tem isso de singular?

— Nada; mas não lhe acontecia tal. Os poetas são assim; a passageira impressão de um momento, traduzem-na em verso heroico, e passa á posteridade como documento de um affecto devorador e eterno. Pois acredita porventura que Eleonora, Beatriz e Laura foram para os tres poetas o que nos apregoa por ahí a historia. Engana-se de meio a meio. Não tem visto os mais recentes? Byron, por exemplo, morreu de trinta e tantos annos, e teve mais de sessenta paixões.

— Diga-me, sir John, declara-se esta tarde em veia de espirito! Perguntei-lhe eu um pouco despeitado.

— Não meu caro amigo; digo-lhe as coisas como as sente um homem que encara a vida pelo lado positivo.

N'este momento entravamos o portal da quinta. Olhos negros e olhos azues, metaphysicas do sentimento, e dissertações de scepticismo, tudo nos esqueceu á voz do criado que chamava para o jantar.

Continua.

BULHÃO PATO.

IMPORTANCIA DOS TELEGRAPHOS ELECTRICOS.

Entre os muitos serviços prestados pela telegraphia electrica vimos recentemente dois que só por este rapidissimo meio de communicacão podiam ser desempenhados. Ha pouco tempo que os telegraphos nos Estados Unidos da America avisaram desde a foz do Mississipi

até os portos do norte da União americana que reinavam temporaes no golpho mexicano, afim de que servisse de governo aos armadores ou detivessem a sua saída os navios que para ali tomassem rumo.

Posteriormente na rigorosa internada que acaba de assolar os districtos do sul e do oeste da França, o telegrapho transmittiu ás regiões inferiores dos valles as alterações que havia nos rios e seus afluentes nas zonas superiores do paiz, e o estado atmospherico que n'ellas dominava; com o que os povos e as autoridades d'aquellas comarcas se precatavam e podiam ao menos evitar as desgraças exclusivamente originadas pelo imprevisito e subitaneo das inundações.

A companhia do telegrapho electrico do Mediterraneo, que actualmente se occupa em collocar os cabos necessarios para unir a ilha da Sardenha a Calle, na costa d'Africa

tem o projecto de estabelecer uma linha completa entre a Europa e a cidade de Melbourne ao sul da Australia. Depois de ter formado outras linhas secundarias de Calle a Bona, Bugia, Argel e Oran, a principal deveria passar por Tunes, Tripoli, Alexandria, o Cairo, Suez, Jerusalem, Damasco, Bagdad, Baccorá, seguir a costa septentrional do mar de Oman na Arabia, passar a Hyderabad e d'ali a Bombaim, onde se dividirá em dois ramos; o do norte irá directamente a Agra, e d'aqui será conduzido um fio até Lahor e Peshawer, chegando assim a curta distancia de Cabul e Cachemira.

De Agra a linha telegraphica se dirigirá a Benarés e irá juntar-se em Calcutá com o ramo meridional, que de Bombaim seguirá até Bongalor e Madrasta. A partir de Calcutá a linha deve percorrer a costa do nordeste do golpho de Bengala, a península de Malaca e as ilhas da Sonda, ganhar o norte da Australia e seguir a costa oriental d'esta, d'onde se porá em contacto com as numerosas colonias inglezas terminando no porto Adelaide. A extensão total calcula-se em vinte mil kilometros.

M.

O escuro da ingratição não eclipsa o brilho á beneficencia.

O FORTE DE CATALASETE.

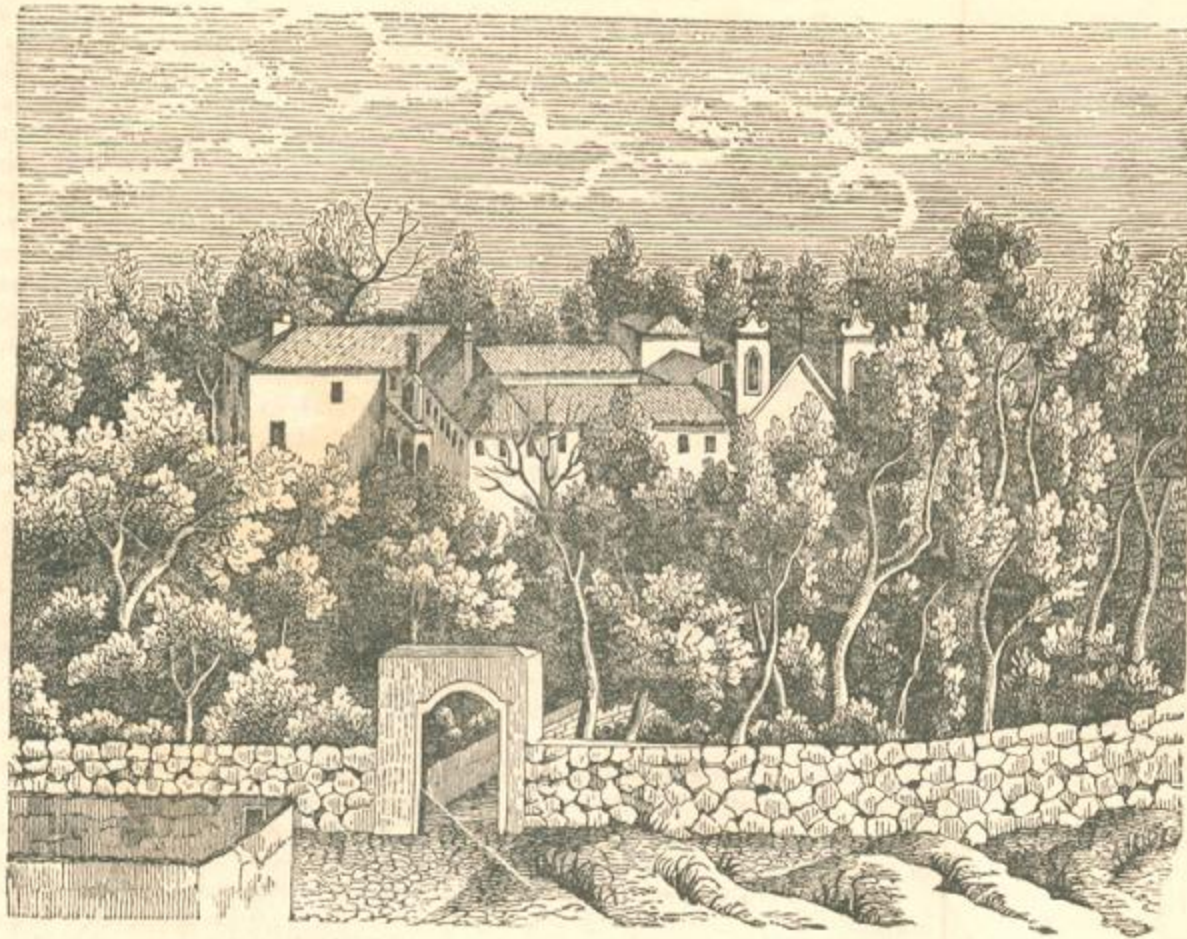
Este forte está situado proximo da torre de S. Julião da Barra.

É um dos muitos que guarnecem as margens do Tejo até á Torre Velha.

Nada tem que o torne notavel. Mas em compensação gosam-se d'ali magnificos pontos de vista.

BAILE DE MASCARAS.

Nos salões de Hanover-Square deu-se ha pouco tempo, em beneficio da caixa dos fundos da Academia de mu-



Convento de Nossa Senhora da Consolação em Borba.



Festa do caminho de ferro de South Western.

sica em Londres, um baile do genero que intitulam de «trajos em caracter» e que nós não duvidamos chamar, «baile de mascarar.» Aqui brilhou com extraordinario lusimento o capricho da fidalguia britanica; a condessa de Jersey apresentou-se vestida como uma figura allegorica da noite, lady Clementina Villiers como estrella companheira da noite, a duqueza de Manchester como a Cybele da mythologia antiga, e a duqueza de Wellington como a lua, e assim outras imagens symbolicas e phantasiosas.

M.

O AMAZONAS.

O Amazonas nasce nas montanhas da Sicasia. É um dos maiores rios do mundo. Para attestalo basta saber-se que o seu curso tem mil e tantas leguas; e que a immensa quantidade d'aguas permite a navegação em navios alterosos até muito longe da sua foz.

Muitos rios, e alguns de bastante importancia como o Madeira e o Jaguaribe, reforçam a sua corrente, tornando-o magestoso.

Antigos viajantes deram noticia d'algumas cidades, que eram habitadas por differentes raças.

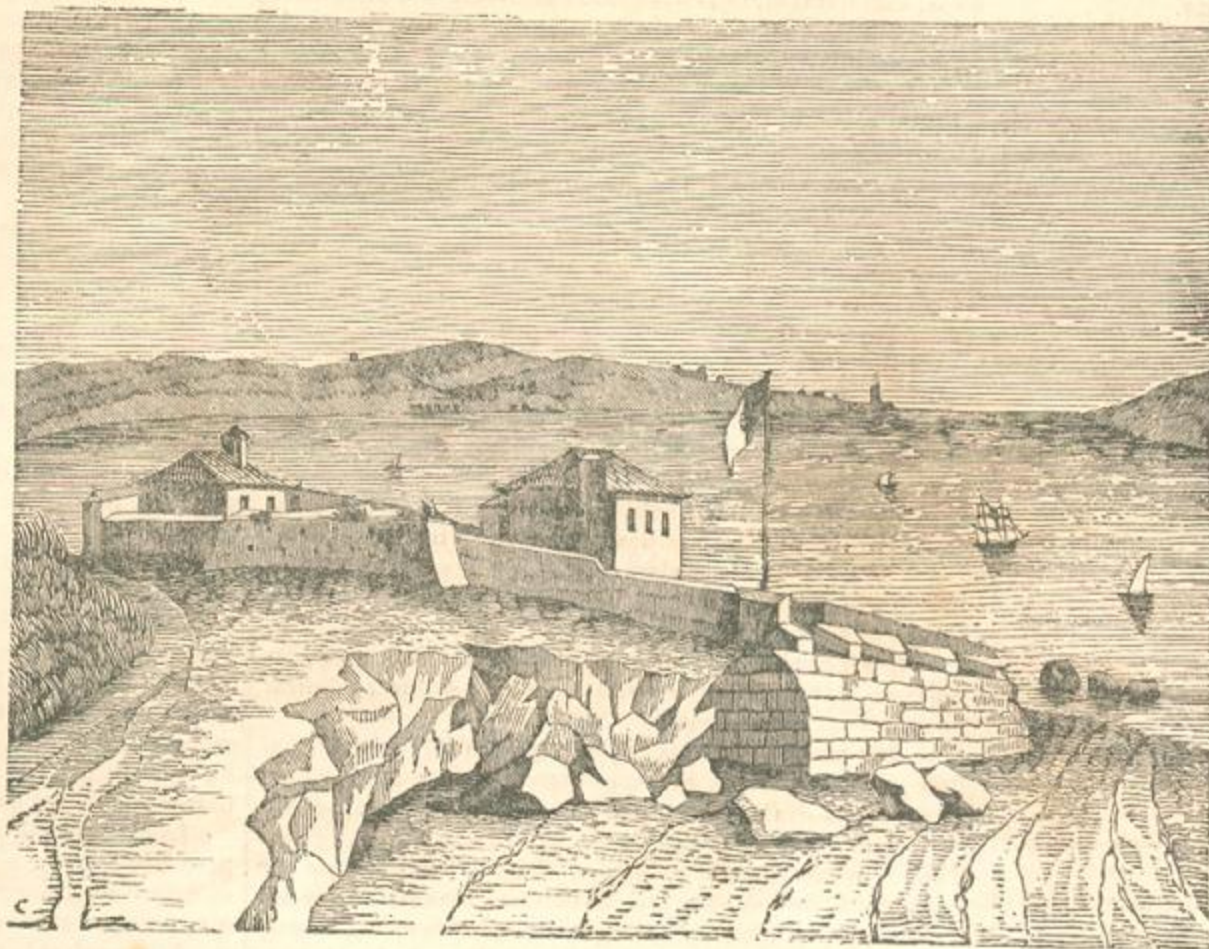
As amazonas, mulheres dadas á guerra, vivendo como em tribus, e combatendo quantos entravam em suas povoações, foram o objecto d'uma tradição que passou por facto durante muito tempo.

Parece comtudo que apenas foi exagerada a relação dos costumes d'essas mulheres que habitavam as margens do rio Amazonas, ao qual deram o nome.

Ha discordancia sobre a largura da sua foz. Supõem uns que tem oitenta leguas, e d'este numero é Fr. José de Santa Rita Durão, que assim o diz no Caramuru:

Nos vastos rios, e altas alagoas
Mares dentro das terras representa;
Coberto o Grão-Pará (1) de mil canoas
Tem na espantosa foz leguas oitenta.

1) Tambem chamada Amazonas.



Forte de Catalasete.

outros dão-lhe sessenta; entretanto estudos modernos só lhe suppõe oito leguas, visto que ha cincoenta, pouco mais ou menos, entre Tigioca e Macapa.

Ou corra brando por entre grandes florestas; ou se precipite por entre rochedos, o Amazonas é sempre bello, soberbo, magnifico.

Hoje é já navegavel em grande extensão, e decerto o illustrado governo brasileiro não largará mão d'uma empresa, que cobrirá de gloria a quem quer que a executar.

O CONVENTO DE N. S. DA CONSOILAÇÃO.

O convento de Nossa Senhora da Consolção, que pertenceu aos religiosos capuchos da extincta provincia da

Piedade, está situado a pouco menos d'um quarto de legua da villa de Borba.

Foi fundado por D. Jayme, duque de Bragança, em 1505.

No centro da cerca fica o convento, que tem uma bella entrada. O antigo bosque, que está proximo ao convento do lado do meio dia, é immenso, e tem muitas e grandes arvores, abundando entre ellas os loireiros, freixos, medroneiros, carvalhos, etc.

O bosque tem quatro fontes: a de Santo Antonio, que é abundantissima; a de S. Francisco, a do Sacramento, e a de S. Pedro.

VORACIDADE DO LUCIO.

O lucio é um dos peixes mais vorazes que se conhecem; tem-se visto muitas vezes devorar outros quasi tamanhos como elle. A bocca tem uma configuração particular, e é particular tambem a forma dos dentes. A Illustração ingleza para mostrar a voracidade d'este peixe contou este caso.

Um lucio ia devorar outro do corpo igual ao seu. O devorado não pôde passar pela guela do seu aggressor; nem pôde retirar-se, retido como estava pela possante armadura de dentes que guarnece a bocca do lucio. Effectivamente,

tanto n'esta especie, como na maior parte dos peixes os dentes são afiados ou ponteagudos, em forma de espinhas, essencial e unicamente destinados a segurar a presa.

O lucio tragado ficou pois preso entre os queixos do outro, n'esta posição os dois individuos em breve morreram asphyxiados.

Assegura-se que assim foram encontrados em Crystal Colne.

As procissões são os actos da religião, a que se vai com menos devoção.

É erro confundir a religião com os seus ministros; os defeitos de alguns d'estes não destroam a santidade d'aquella.



Baile de mascarar.

POBRE LUIZA!

ROMANCE CONTEMPORANEO.

INTRODUÇÃO.

Sai uma noite de casa quasi sem saber o que fazia. Era um instincto que me impellia para a realidade da vida e para presenciar um quadro, em que tinha de ver esboçada uma serie não interrompida de miserias.

Vaguei por algum tempo pelas espaçosas ruas, que são durante o dia uma taboleta das vaidades humanas, e onde de noite se representam scenas de hediondez inacreditavel, accusando sufficientemente a nossa constituição policial. De dia ouro e pedrarias, de noite andrajos e de wassidão!

Absorvido pela dôr moral, que me causava tanta infelicidade, encaminhei-me para o Suisso, botequim muito frequentado pelos estudantes da Polytechnica e por alguns burguezes da cidade baixa, que vão ali esquecer as fadigas do balcão, entregando-se gostosamente, e com apparencia prazenteira, ás delicias do café de Moka, duvidosamente assuacado, e ás difficuldades sedutoras do impreterível dominó.

Entrei e sentei-me em um canapé que nada tinha de commodo, nem de fôfo, dominado ainda pelas idéas que trouxera da rua.

Assim me conservei por algum tempo até que fui roubado a esta abstracção involuntaria por uma leve pancada, que me deram no hombro.

Voltei-me, e dei de cara com um rapaz que já era meu antigo conhecido.

— Bons olhos te vejam! Ha immenso tempo que não te encontro. Até julguei que não estavas em Lisboa, disse elle.

— Pois enganaste-te, meu amigo, redargui; e depois de trocarmos mais algumas phrases vulgares e do estylo, recaímos ambos n'aquelle silencio que denota a actividade, em que se acham ás vezes as faculdades intellectuales.

Foi de novo o meu amigo, o que rompeu a conversação.

— Parece que estás triste, continuou. Que tens? Falta-me francamente. Sou rapaz, e tenho soffrido bastante para não ver com indifferença os padecimentos dos outros.

— Não duvido do que affirmas, respondi; mas isso não é motivo para eu te contar as minhas penas. Já estou cansado de ser sincero. As inconveniencias, que resultam do homem procurar indistinctamente o allivio e o conforto no primeiro peito, que se lhe offerece, todas eu experimentei e sufficientemente; não estranhes, pois, se agora guardo contigo certa reserva. Apenas te apertei a mão algumas vezes... e de mais eu não me queixo.

Aqui houve uma pausa, no fim da qual o meu interlocutor, depois de me contemplar por instantes, me travou do braço, e obrigando-me a levantar, dirigiu-se comigo para a porta do botequim.

Achamo-nos na rua.

— S. Pedro d'Alcantara! me disse elle, e partimos de braço dado, quasi estreitados, como se uma longa e arceigada amizade autorisasse aquella subita confiança.

Subimos a ingreme calçada da Gloria, operação que, seja dito á boa parte, faria suar o proprio Genaro, se elle tivesse de passar por semelhante prova.

A nós porém foi pouco sensível este exercicio.

Eu, sujeito, como quasi toda a gente, descontada a exaggeração, ás distracções mentaes, ia imaginando o que poderia dizer-me o meu amigo. Punhaes, subterraneos, venenos, traições, victimas, e outras visões semelhantes, tudo isto me passou pela imaginação, e me depositou uma forte dôse de desconfiança na consciencia, para mais a sangue frio avaliar até onde podia chegar a veracidade das suas palavras.

O meu amigo, se me não engano, pensava agora em coordenar algumas idéas, que traduzidas pintassem ao vivo a agitação da sua alma. Notava-se facilmente na expressão do rosto, que percorreria todos os rodeios da imaginação, e que alcançara d'este esforço resultados lisonjeiros para a sua narrativa.

Eis o motivo porque nos custou pouco a subir a calçada da Gloria. Ambos nós pensavamos, mas differentemente. Eu na figura que ia fazendo; elle, segundo o juizo que eu então formava, nos meios mais faveis de me illudir, e de zombar de mim por alguns momentos.

Encarada assim esta digressão pelo seu lado burlesco, eu, e o meu companheiro, convidamos o leitor para tomar assento commosso em um dos muitos bancos de pedra que ha na alameda do jardim, e para escutar attentamente a historia que vae ouvir.

N'aquelle instante, e de espaço a espaço a lua desasomburada de nuvens mostrava o rosto resplandecente com a meiga pallidez brilhante, e depois, como donzella recatada que furta um formoso seio da vista curiosa e fasciava, que a faz corar, tornava a encobrir-se de vapores cinzentos, que, agglomerados em castellos, percorriam vacillantes o espaço infinito do ceo.

D'ahi a pouco reaparecia radiante de nova belleza, e logo depois, offuscada por outros veos, ainda se lhe veia uma mais o magico brilho.

Batia meia noite nas torres de S. Roque. Os sons vibrantes do bronze repercutiam-se pausados pelas tortuo-

sidades das ruas, a que nos achavamos sobranceiros, e mais longe, nas encostas alcantiladas dos montes fronteiros, esmoreciam, cada vez menos sensiveis, e semelhantes aos gemidos de homem moribundo, que se esvaece na ultima agonia.

Era portanto uma d'essas noites em que a alma se expande á medida que vae comprehendendo toda a sublimidade e religião, que encerram as horas de tristeza, nas quaes toda a natureza é muda, sobrevivendo apenas a consciencia do proprio ser.

N'aquelle momento votei uma especie de rancor á geração prosaica, que despresava assim as bellezas e encantos d'uma noite de verão para ir acotovelar-se nas platéas d'esses theatros, que são tudo o que lhes chamarem, excepto templos da arte.

Uma coisa que ainda me custa a acreditar, e é que os habitantes d'esta santa terra não preferam uma noite orientalmentemente temperada ás brisas fagueiras das horas nocturnas.

Dir-me-hão que n'esta epoca quasi toda a gente vae para o campo? E a que fica, e que pode ir, porque não vae? Porque prefere viver em uma atmosphera calda e abafada, que embota as faculdades moraes, e entorpece as physicas?

São guardas tão vigilantes dos seus cofres, que nem mesmo a propria saude é sufficiente para os fazer admirar os attractivos campestres!

Por mais d'uma vez me saíram dos labios exclamações pesadas contra esta raça degenerada de agiotes, para quem o dinheiro encerra o valor de quanto é bello.

Creio piamente que para o agiota não ha vida possível cá n'este mundo sublunar. E digo isto, porque me persuado, de que elles trazem incessantemente a mira dos seus calculos n'uma transacção imaginariamente vantajosa, e que lhe absorve todos os cuidados, e todas as operações intellectuales.

Já me tem acontecido pisar involuntaria, mas fortemente, alguns d'esses entes, cuja maior parte é duvidosamente honrada, e mesmo assim não acordam da sua abstracção financeira!

Admiravel poder tens tu, dinheiro, que conseguiste fazer pensar aquellas cabeças bojudas, mas ôcas como uma viola.

Perdoem-me os leitores, se algum d'elles é agiota, esta proclamação rancorosa contra uma classe de individuos que, por mal nosso, nunca se extinguirá, e permittam-me que lhes conte um pouco mais por extenso a historia, que o meu amigo me narrou.

I

O NAUFRAGIO.

Era no mez de maio de 18... Estava eu, havia já um mez, em um dos arrabaldes de Lisboa, em casa de uma familia para onde sempre me recolhia no verão, e que n'esta epoca recebia mais ou menos hospedes.

Não tenho termos com que descrever-te o que gosei durante o curto espaço que vivi ali. Costumado, desde muito, á vida fadigosa da cidade, sentia um prazer immenso, quando se aproximava a estação calmosa. Não frequentava a sociedade. Tinha poucos ou nenhuns conhecimentos, e tão habituado estava já á solidão, que ignorava completamente as excellencias da convivencia.

O meu quarto era lindissimo. Tinha duas janellas, uma que deitava para o lado do Tejo, e outra para a estrada. Era sentado ao pé d'esta que eu passava algumas horas, umas vezes lendo as *Harmonias* de Lamartine, outras contemplando o rosto moreno das aldeãs que voltavam de Lisboa.

Tudo aquillo me encantava. Tudo era novo para mim, e comtudo não estava contente. Algumas vezes desviava a vista dos objectos que me cercavam, e olhava para o fundo d'alma. Era então que sentia um vacuo que era preciso encher.

A falta de familia imprimiu no meu caracter aquelle fundo de tristeza, que se divisa sempre no rosto do homem infeliz.

Não conheci nunca meus paes. Fui creado na Misericordia, para onde me levaram depois de me tirarem da roda, onde tinha sido exposto.

Ali deram-me aquella educação, que se recebe nos estabelecimentos d'este genero, mas que avilta o homem, porque é filha, não da compaixão que o nosso infortunio inspira á sociedade, mas sim do asco que os ricos da fortuna sentem ao terem de arredar-se para dar passagem ao pobre, que lhes estende a mão tremula e mirrada pela fome.

Sai da Misericordia e fui para a Casa Pia, onde aprendi o officio de pintor. A minha vocação, porém, convidava-me a mais altos destinos. Não hesitei. Abandonei tambem a Casa Pia, e comecei a pintar pelas casas particulares. Com o dinheiro, que me restava das minhas mais urgentes despesas, alcancei matricular-me na Academia das Bellas Artes, onde conclui o curso de desenho com a approvação de todos os professores. Em quanto estudava na Academia trabalhei sempre para não morrer de fome, e depois fui chamado para dar lições em alguns collegios, e é com o producto d'estas, que alimentei os meus gastos.

Os homens como eu, isto é, sem uma affeição sinceramente sentida, caem insensivelmente em uma especie

de turpor moral, que lhes mata as aspirações, e que lhes representa a vida como erma e desadornada das flores, com que a imaginação a veste.

A ausencia de todas as affeições, de toda a especie de interesse causava-me um desapego pela existencia, que tu de certo não condemnarás.

Na idade, em que as faculdades se acham já gastas, em que uma experiencia inutil lhe cortou as suas mais doces illusões, o homem egoista, na sociedade, pode apreciar, e até adoptar o retiro; mas aos vinte annos, quando a bondade é immensa, quando a alma se acha repassada de sentimentos nobres, é triste, é horrível ter de concentrar-se no fundo d'ella, e suffocar no peito as palpitações do coração.

E depois a lembrança de não ter uma pessoa que participasse dos meus dissabores e alegrias atormentava-me constantemente, e fazia com que amaldiçoasse os que me tinham dado o ser.

Queres que te diga como a patria adopta aquelles que não teem pae? Entrega-os aos braços de uma ama mercenaria, que lhes recebe com indifferença as caricias infantis, que não sabe, que não pode suffocar-lhes com beijos maternos os seus gritos de dôr.

E depois quando a razão está apenas desinvolvida e o corpo mal pode supportar as fadigas do trabalho a sociedade diz-lhes: «Tu, que não tens pae, porque elle não designou o seu nome, sujeita-te ao desprezo d'aquelles que o teem. Filho do crime, a lei marcou com o ferrete da ignominia o teu nascimento, e condemnou-te aos trabalhos manuaes, que ella prescreve.»

Lastimarás de certo o infeliz abandonado desde os primeiros annos, e cujo amor filial recalçado ao primeiro impulso só mereceu como recompensa uma compaixão que parece um insulto.

A irregularidade da minha educação, a frieza que eu via estampada em todos os rostos, a falta de convivencia com pessoas que se interessassem por mim tornaram-me reservado e fizeram com que adquirisse um aspecto triste e meditabundo.

O que acabo de dizer-te apenas serve de prevenção para não te admirares da grave influencia que tiveram no meu ser moral os acontecimentos que vou relatar-te.

Estava pois, como já te disse, em um dos arrabaldes de Lisboa. Era em Pedroços.

No anno em que teve lugar o que vou contar-te muitas familias tinham ido para ali, umas por necessidade, outras para cederem aos caprichos sempre instaveis da moda.

Escuso dizer-te que as mulheres bonitas eram poucas. A natureza foi extremamente avara com o bello sexo de Lisboa.

E comtudo os casamentos são frequentes. A raça não hade perder se por certo.

As elegantes reuniam-se nas praias para banhar-se nas aguas cristalinas do nosso tão celebrado Tejo.

Era para lá, pois, que dirigia meus passos todos os dias antes d'almoçar.

Certo dia, memoravel para mim, segundo o meu costume fui á praia. — D'essa vez vi lá mais gente, do que era costume. Fui eu a unica pessoa, que não embarcou porque não tomava banhos.

Sentei-me na areia e assim me conservei durante uma hora. O tempo não estava bom. Alguns pingos d'agua, caindo a espaços, e o vento que soprava rijo do sul, mostravam claramente que a borrasca se avisinhava. Todos os botes estavam já amarrados na praia, e apenas uma vela, ao longe, forcejava por escapar á tormenta valendo-se dos meios que a pratica aconselha em taes casos.

Entretanto o vento augmentava consideravelmente. O Tejo parecia o oceano, e muitas faluas accossadas pelo vento tinham já transporto o espaço que vae da torre de Belem até ao quadro na alfandega, semelhantes a passaros que, perseguidos pelo milhafre, procuram o ninho como ultimo refugio contra o seu cruel inimigo.

Só o pequeno bote luctava com as vagas que já o cobriam.

Os catraeiros, que estavam entretidos em limpar os seus barcos, tinham deposto o *lambaz*, e contemplavam aquella scena, que prometia ser desastrosa. Pelos signaes de desassocego que lhes divisava no rosto, conheci logo que a gente que vinha no bote corria perigo.

Veni confirmar esta minha idéa o seguinte dialogo, travado por alguns d'elles:

— O *Marcado*, disse um, o tio João não escapa d'esta vez. Pobre homem! E a senhora que ia com elle tão bemfaceja!

— Olha Joaquim, redargui outro; eu agora não ia lá por quanto *dinheiro* me dessem.

— Nem eu, disse d'ali outro catraeiro a quem chamavam o *Pellado* por ter grande falta de cabello. Se vem o tufão temos o bote com a *espinha* para o ar.

— Pois, eu cá nam retiro a palavra, exclamou um, a quem davam o nome de *Desorelhado*, epitheto, que se ja dito com verdade, lhe cabia muito bem pois que perdera ambas as orelhas em um domingo, no qual fizera uma das suas frequentes excursões ao *Bairro Alto*. Se houvesse alguma desgraça atiro-me logo ao charco, concluiu elle.

Entre o bote e a praia mediava ainda grande distancia, e com tudo ouviam-se distinctamente os gritos d'uma senhora que pedia soccorro, estendendo os braços, e a voz roufenha do catraeiro, que forcejava por aquietal-a.

Na praia tudo era silencio. Os catraeiros nem se mo-

viam, tal era a sensação que lhes causava aquelle espectáculo, a elles que tantos tinham presenciado d'esta natureza. A alguns vi eu deslisar-se-lhes pela face o pranto da compaixão.

Foi uma coisa que me impressionou vivamente esta prova d'um resto de sensibilidade n'aquelles homens, que julgava completamente alheios á maior parte dos affectos humanos.

Nenhum d'elles, porém, á excepção do que protestara contra a covardia dos companheiros, se dispunha a lançar-se á agua.

Uma rajada de vento mais violenta acabou de inundar o bote, que tombou immediatamente.

No mesmo instante um homem se atirou á agua: era o *Desorelhado*.

Vae morrer, disseram os outros, está tocado da pinga.

Logo que ouvi a voz prophetica dos catraeiros, desembrasando-me do paletó e das botas, comecei a andar em direcção ao bote.

A corrente levava-me com força para o lado da barra. Tive pois de resistir a dois elementos qual d'elles o mais terrível—o vento, que era fortissimo, e a agua, que era caudal.

O *Desorelhado* nadava a quinze passos distante de mim, desinvolvendo uma força prodigiosa em cada um dos seus movimentos. Não obstante o seu estado d'embriaguez nadava melhor que o mais perfeito nadador.

Quando me aproximei do bote já tinha mergulhado tres vezes. Á quarta trazia um vulto agarrado pelos cabellos. Não pude distinguir logo se era homem ou mulher. Percebi porém que as forças lhes diminuiam progressivamente, e que ambos seriam victimas da morte se não houvesse alguém que lhes acudisse.

Durante mais alguns minutos distingui o *Desorelhado* nadando com um braço, e trazendo seguro pelo outro um corpo humano, que se debatia em consequencia da agua salgada que lhe entrava pela bocca.

Ao chegar ao pé d'elles já a lucta tinha acabado. Tive só tempo de deitar a mão a um corpo humano, que depois verifiquei ser o da senhora. O tio João e o *Desorelhado* tinham desaparecido.

A pobre senhora, que tinha nos braços, ainda dava leves signaes de vida. O susto e os esforços que fizera tinham-a extenuado completamente.

Só perto de terra é que tive occasião de vel-a mais detidamente. Notei pela primeira vez que era nova e de rara formosura, não obstante o seu estado de abatimento.

Caindo em desalinho, os cabellos negros cobriam-me o rosto affrontando-me a respiração. Pallido e macegado pelo padecer intenso, o rosto possuia aquelle cunho de finura que se nota nas mulheres não vulgares. Nos olhos não te fallarei eu, que seria temeridade e até sacrilegio o tentar dizer como elles eram. Os braços d'uma alvura prodigiosa, e caindo penderes sem força, denotavam que o resto do corpo d'esta interessante creatura era tão perfeito como o que acabo de descrever-te.

Junto á praia senti que perdera todas as forças e que m'estendiam os braços.

Continua.

M. L. COELHO DE MAGALHÃES.

TELEGRAPHIA ELECTRICA.

(Continuado do num. 29).

III

Apparellhos.—Para que duas estações se possam comunicar por meio d'um telegrapho electrico, é indispensavel que em cada uma d'ellas haja um apparelho para transmittir os despachos, ou *manipulador*, e um apparelho para os receber ou *receptor*.—Além d'isso devem haver pilhas para fornecer a electricidade, fios que liguem as estações, etc.

Já demos idéa do artificio pelo qual a electricidade se convertia em força motriz, que se aproveita para indicar os signaes. Vejamos agora a disposição dos apparelhos telegraphicos mais geralmente empregados, começando por dar idéa do mais simples, que é o telegrapho de mostrador.

Os telegraphos de mostrador são diversos; veremos primeiro qual é em geral a sua disposição, reservando as particularidades para quando fallarmos d'alguns em especial.

Telegraphos de mostrador.—São caracterisados estes telegraphos pela disposição do seu apparelho receptor, que tem um mostrador sobre o qual são indicados os signaes, ou seja pelas diversas posições que tomam duas reguas, ou pelas indicações d'uma agulha que aponta as diversas letras e numeros.

A disposição interior do receptor é variavel. O mais simples consta de dois cylindros de ferro doce unidos, formando uma ferradura, em torno da qual se enrola muitas vezes um fio de cobre coberto de seda. Quando atravez do fio passa a corrente electrica os cylindros se magnetizam, e pela attracção magnetica atraem um disco de ferro que lhes está fronteiro. Logo que se interromper a passagem da corrente o ferro volta ao seu lugar pela acção d'uma mola, como já dissemos n'outro lugar, podendo assim entrar em movimento de vaivem, se a corrente ora se estabelecer, ora se interromper.—O dis-

co de ferro é acompanhado no seu movimento por uma haste que termina por uma pequena lamina metallica ligeiramente curva, disposta transversalmente. As duas extremidades da peça curva correspondem aos intervallos dos dentes d'uma roda, a cujo eixo está fixo o ponteiro que anda sobre o mostrador, e de tal modo que pelos movimentos lateraes que executa quando é attraído ou repellido o disco de ferro obriga os dentes a passarem e faz andar a roda. Se tiverem lugar tres attracções passam tres dentes, e o ponteiro andará do repouso á letra C, porque a passagem d'um dente corresponde á de uma letra.

O mecanismo que acabamos de descrever é analogo ao que existe n'um relójo de parede, o movimento do pendulo communica-se a uma peça d'aço que deixa ou não passar os dentes d'uma roda: a differença está só em que no telegrapho que acabamos de descrever o motor é a electricidade, e no relójo o pendulo só serve de regulador, sendo motor o peso, ou a força elastica d'uma mola. Nos telegraphos mais modernos a electricidade não serve de motor, serve de regulador.

O transmissor é a parte do apparelho destinada a enviar o despacho: consta d'um disco de madeira movel em torno d'um eixo central, sobre elle estão escriptas as letras e algarismos. Pela parte inferior acha-se o mecanismo para interromper a corrente, o qual em geral é formado por um anel de madeira cuja circumferencia é parte conductora da electricidade e parte não, por isso que n'ella se acham engastados pedaços de metal alternando com bocados de marfim, ou d'outra substancia má conductora. Uma alavanca metallica encosta por uma das extremidades sobre a circumferencia do anel, e pela outra communica com a origem da electricidade. O anel acompanha a roda nos seus movimentos.

Fazendo andar a roda o anel apresentará á alavanca já uma parte boa conductora, e tem lugar a passagem da corrente; já a parte má conductora e a corrente se interrompe. Já dissemos como a corrente vae determinar o apparecimento dos signaes. Além d'isto contém o transmissor outras peças que servem para estabelecer as communicações com o solo, com a pilha, etc.

A maneira como funciona este telegrapho é facil de perceber por um exemplo.

Supponhamos que se pretende escrever Lisboa. Está convencido que se parte sempre do mesmo ponto, do *final*; o individuo que falla toma a manivella e anda com um movimento uniforme até encontrar o L onde faz uma pequena pausa, depois passa ao I onde faz a mesma pausa, ao S, B, O e afinal ao A, quando conclue a palavra volta ao *final*; depois do que transmitta outra do mesmo modo. Quando se termina o despacho fazem-se umas poucas de voltas completas com a manivella: o mesmo se costuma praticar quando o despacho vae começar, o que quer dizer *atenção*.

Quem transmitta o despacho demora-se um pouco sobre a letra que quer passar, para que o individuo que recebe o despacho perceba que é aquella que vale, e tenha tempo de a escrever.

É necessario que a transmissão seja feita com regularidade, aliás não se pode ler, pois é mais facil transmittir o despacho que lê-lo e escrevel-o.

Quando o empregado não tem percebido o signal, dá uma volta á manivella do seu transmissor, e exprime por um signal de convenção que não percebeu: geralmente no fim de cada palavra ou phrase, o empregado que recebe o despacho, faz meia volta completa com a sua manivella para indicar que percebeu até ali, afim de que havendo erro, não seja preciso repetir todo o despacho.

Durante estas manobras, a agulha do receptor vae reproduzindo todos os movimentos da manivella do transmissor, andando quando elle anda e parando onde elle pára, e assim com a maior fidelidade vae reproduzindo o despacho; nem isto deve admirar, porque os pontos de partida do ponteiro e da manivella são os mesmos, e a corrente interrompe-se e estabelece-se uma vez quando se passa do A para o B, duas, tres ou mais quando se passa do A para o C, D etc. e a cada vez que se interrompe ou estabelece, corresponde a passagem d'uma letra pelo mecanismo já exposto. Esta é em geral a disposição do telegrapho de mostrador.

Telegrapho de mr. Breguet.—É este o que é por em quanto usado em Portugal. O apparelho de mr. Breguet distingue-se dos outros primeiro, em ter um mecanismo de relójo que tende constantemente a fazer andar a roda, a cujo eixo está preso o ponteiro, e portanto a elle, assim o motor não é o electro-iman, como nos outros telegraphos, é o mecanismo do relójo. O electro-iman do apparelho de mr. Breguet serve de regulador, permitindo, ou não, que o relójo funcione, conforme deixa ou não passar os dentes da roda: segundo no escape que deixa passar um dente cada vez que o electro-iman attrahe e deixa passar um outro dente quando a corrente se interrompe.

Estas modificações feitas por mr. Breguet são muito importantes, porque os apparelhos funcioenam com pilhas muito mais fracas, só sendo preciso empregar a força necessaria para soltar a roda dos ponteiros, pois o movimento do relójo faz o resto.

Quanto ao manipulador acha-se disposto do seguinte modo: Sobre uma taboa quadrada assenta por intermedio de tres pequenas columnas um prato circular de latão, tendo gravadas em dois circulos concentricos as letras do alphabeto e os algarismos. O disco tem tantas

chanfraduras na circumferencia quantas são as letras, e em frente d'ellas. No centro do prato ha um eixo onde se prende uma das extremidades d'uma manivella que é mais comprida que um raio do disco, e apresenta na extremidade livre, um espigão que pode entrar nas chanfraduras do prato, afim de haver toda a segurança quando se manipula.

O disco assenta sobre uma roda cuja circumferencia é sinuosa, sendo as sinuosidades eguaes.

Ao lado da roda acha-se sobre a taboa uma alavanca tendo um eixo na parte media, e apoiando um dos braços sobre a circumferencia da roda. Quando a roda entra em movimento de rotação, a alavanca executa o de vaivem, porque uma das suas extremidades já se acha na excavação da roda já na parte cheia, a outra ora toca em uma peça á sua direita, ora n'outra á sua esquerda e fecha o circuito. Este modo de estabelecer e interromper a corrente é simples, engenhoso e economico.

O manipulador de mr. Breguet tem ainda outras peças, que servem para estabelecer a communicação com a terra, com as estações, para mudar d'uma para outra estação. Havendo habito fazem-se 30 signaes por minuto: quando se empregam reguas em vez de ponteiro o apparelho funciona muito mais depressa.

Já temos visto trabalhar o telegrapho de mr. Breguet para Elvas, para Villa Franca, e para Cintra, e temos admirado a facilidade com que os despachos se transmittem e se recebem: apenas o empregado faz o signal *atenção*, immediatamente, sem intervalo de um segundo, o signal é reproduzido para indicar que o empregado está no seu posto, e prompto a receber o despacho.

O nosso corpo telegraphico, aprendeu com facilidade e promptidão todo o manejo e acha-se apto para todo o serviço.

Na França para o serviço do estado emprega-se um telegrapho similhante ao que acabamos de descrever, mas de signaes, segundo o systema de Chape. Ha duas reguas moveis sobre um mostrador as quaes indicam pelas diversas posições que tomam os differentes signaes.

Telegrapho de mostrador e teclado de mr. Froment.

—Este apparelho é um dos mais simples e engenhosos; a parte verdadeiramente importante que elle apresenta é o manipulador que é um teclado como o d'um piano tendo só letras escriptas sobre as teclas, as quaes estão dispostas em duas series paralelas ou n'uma só serie. O empregado põe o dedo sobre uma tecla, e no mostrador a agulha aponta a letra correspondente. O despacho envia-se tocando sobre o teclado como n'um orgão, as teclas abaixando-se permitem que um movimento de relójo entre em acção e a corrente electrica estabelece-se e interrompe-se o numero de vezes que é preciso para que a letra seja indicada.

Segundo os melhores entendedores o telegrapho de mr. Froment é a maravilha dos telegraphos de mostrador. É tambem um apparelho muito elegante, o receptor fazendo corpo commum com o transmissor, parece um piano vertical.

O apparelho Froment foi apresentado á academia das sciencias de Paris em 1851, differentes relatorios foram feitos ácerca d'elle; suas vantagens foram desde logo reconhecidas. As experiencias tem mostrado que não se podem errar os despachos com este telegrapho, embora se falhe uma letra, ou haja engano, as outras continuam a sair como deve ser, o que não succede com os outros apparelhos.

Telegraphos escreventes.—Differentes são os apparelhos inventados para escreverem os despachos ao mesmo tempo que os recebem; um dos apparelhos d'este genero é o de Morse, physico americano, que aspira ás honras de inventor dos telegraphos electro magneticos conforme já dissemos.

Telegrapho de Morse.—Este telegrapho tem pouco mais ou menos a disposição seguinte.

Ha um electro-iman que quando passa a corrente voltaica attrahe um bocado de ferro doce, que está preso na extremidade d'uma alavanca movel sobre um fulcro. Os movimentos que a alavanca executa são o de elevação e o de depressão. Quando o electro-iman attrahe o ferro macio o braço d'alavanca a que elle está preso descera, subindo o braço opposto do mesmo modo que um dos lados do travessão d'uma balança desce quando o outro sobe.

Na extremidade do braço que sobe está um lapis o qual acompanhando o movimento d'ascensão da peça com que está ligado vae applicar-se sobre uma tira de papel que um mecanismo de relójo faz correr por diante d'elle. O lapis estará applicado sobre o papel em quanto a corrente não se interromper. Logo que a corrente se interrompe deixa de haver a attracção do ferro macio, e uma mola que opera em sentido contrario ao do electro-iman faz afastar a peça que tinha sido attrahida. Assim o lapis é susceptivel de movimento de elevação e de descenso pela acção combinada da mola e do electro-iman.

A escripta reduz-se a formar pontos, e riscos sobre o papel os quaes combinando-se dão as letras e os algarismos. Quando se quer um ponto, estabelece-se a corrente e interrompe-se logo, o lapis só tem tempo de tocar o papel. Quer-se um traço, conserva-se a corrente por mais tempo, então o lapis estando applicado sobre o papel que vae escorregando por diante d'elle deixará ficar um traço.

Eis como no alfabeto de Morse se representam algumas letras.

A B C D E etc.

N'este alfabeto os signaes são tanto mais simples quanto maior é o numero de vezes que a letra apparece; assim as vogaes tem signaes que promptamente se escrevem sendo o E representado apenas por um ponto.

Depois de diferentes ensaios Morse substituiu o lapis por um stilete d'aço que carregando sobre um papel espesso deixa por signaes, depressões que são pontos e linhas, e que se lêem depois.

O transmissor de Morse é muito simples e é conhecido pelo nome de *chave* de Morse: é um pequeno martello de metal que está em comunicação com um dos fios da pilha e está levantado pela acção d'uma mola. Em frente da cabeça do martello fica uma chapa de ferro que communica com o outro fio. A corrente fecha-se quando o martello bate sobre a peça fixa, e interrompe-se quando o martello se eleva. O despacho transmite-se applicando o dedo sobre a cabeça do martello e fazendo-o descer, se apenas se faz tocar, a corrente pouco tempo está fechada e então apparece um ponto no papel do receptor, se se demora apparecerá um traço.

Antes d'este mecanismo Morse fazia interromper a corrente servindo-se d'uma capsula com mercurio onde mergulhava sempre um dos fios da pilha e o outro era tomado pelo individuo que transmittia o despacho, o qual já o fazia mergulhar no mercurio e assim estabelecia a corrente, já o retirava e então havia interrupção.

Tanto na America como na Inglaterra não é a pilha d'uma estação que faz funcionar o aparelho de Morse que está na outra; seria preciso para isso, empregar pilhas muito fortes o que trazia grande despendio. A pilha só serve para fazer entrar em acção uma outra pilha que está na outra estação, a qual é quem faz funcionar o aparelho, para o que a corrente electrica principal vae ora fechar ora interromper o circuito da pilha local. O emprego do telegrapho de Morse assim como o de todos os telegraphos que escrevem offerece muitas vantagens, os despachos fazem-se muito mais rapidamente, não é tão facil commetterem-se erros, e não é preciso que na estação para onde se transmitta esteja empregado algum.

Telegrapho de Froment. — Mr. Froment fez ao aparelho de Morse uma modificação importante. Substituiu o punção metallico por um lapis o qual á proporção que vae escrevendo vae-se aparando, para o que executa um movimento de rotação ao mesmo tempo que o de vaivem. O lapis pode executar tres e quatro mil vibrações por minuto.

Com as modificações feitas por Froment evita-se que as letras fiquem muito juntas o que tornava difficil a leitura, e marca-se melhor.

As vantagens d'este aparelho são mui grandes. Os desoachos transmittem-se com uma segurança e rapidez incrível. São inintelligiveis para quem os envia e para quem os recebe, e ficam escriptos para se verificarem quando se quizer. O manipulador consta d'uma mesa onde se acham escriptos os numeros de 0 a 9, e d'uma roda movel tendo nove raios furados na extremidade livre de modo a formarem aneis onde entram as letras. Ao mesmo tempo que se move a roda, move-se um disco que interrompe a corrente.

Se pegarmos em um dos raios da roda que corresponde por exemplo ao numero 3 e o fizermos andar até ao zero a corrente fechou-se e interrompeu-se tres vezes, e o lapis do receptor escreverá o signal correspondente.

Vê-se pois que antes de transmittir um despacho é necessario traduzil-o em numeros. É isto um inconveniente, porém fica bem compensado pelas vantagens que apresenta o telegrapho de Froment.

Mr. Dujardin em lugar do lapis serve-se d'um pequeno reservatorio conico cheio de tinta, terminado na parte mais baixa por uma fenda atravez da qual a tinta sae quando o vaso que a contém toca o papel. A penna só marca quando se fecha o circuito, isto é quando passa a corrente.

Telegraphos electro chimicos. — Mr. Bain foi o inventor do telegrapho electro chimico. Este telegrapho escreve os despachos decompondo pela corrente electrica diferentes substancias v. g. o cyanureto amarello de potassio e ferro que embebe uma tira de papel; sempre que o papel fór tocado por uma stilete de ferro e que a corrente passe, corar-se ha de azul a porção que estiver em contacto com o stilete. Para que o papel tenha sempre um conveniente grau de humidade junta-se á dissolução do cyanureto algum sal hygroscopico como o azotato de amoniaco.

O receptor do telegrapho electro chimico é muito simples: reduz se ao aparelho destinado a fazer passar a fita do papel por diante do stilete, e ao stilete com uma mola que o obriga a assentar sobre o papel.

O despacho precisa ser escripto antes de se enviar. Escreve-se fazendo em uma ou mais tiras de papel soluções de continuidade já simplesmente furos, já fendas diversamente combinadas, como no alfabeto de Morse. Escripto o despacho, enrola-se a tira de papel sobre um cylindro de metal que tem movimento de rotação, um stilete collocado superiormente encosta sobre o papel. Pondo o cylindro em movimento o papel vae passando por

baixo do stilete e a corrente se estabelece quando passa alguma fenda, pois então o metal do stilete está em contacto com o metal do cylindro. A corrente conserva-se estabelecida em quanto passa a fenda, e interromper-se ha logo que o papel se interponha entre o stilete e o cylindro. Quando a corrente se estabelece, o ponteiro que está na outra estação deixa ou um ponto ou um risco azul conforme pelo transmissor passou um ferro ou uma fenda. Com linhas e pontos se representam as letras. O telegrapho de Bain imprime com a velocidade de mil e quinhentas letras por minuto.

Em vez do cyanureto amarello de ferro e potassio, alguns empregam o iodureto de potassio com o amidon, então o stilete de ferro é substituido por um de platina: as letras ficam ainda azues porque se forma o iodureto de amidon que tem essa cor.

O telegrapho que acabamos de descrever é uma das maravilhosas descobertas modernas, e d'uma utilidade extraordinaria, acha-se hoje adoptada em larga escala. Julgamos que o nosso telegrapho electrico virá a funcionar com os aparelhos de mr. Bain.

Antes da descoberta do telegrapho electrico chimico já o nome do escocoz Bain era bem conhecido pelos seus aparelhos telegraphicos electricos, que lhe serviram de base para fazer opposição á formação da companhia geral de telegraphia electrica. (Electric telegraph company) Bain vendeu a sua patente por sete mil e quinhentas libras esterlinas.

O telegrapho de Bain funciona de Londres a Manchester, e de Manchester a Liverpool, isto é na extensão de trezentos kilometros. Na America funciona sobre uma linha de dois mil kilometros.

J. A. DA SILVA.

FESTA DO CAMINHO DE FERRO DE SOUTHWESTERN.

A inauguração das obras da linha central do caminho de ferro inglez South-Western, celebrou-se ultimamente com grande pompa a pouca distancia da cidade de Gillingham; á entrada do campo onde se fez a cerimonia arvorou-se um magnifico arco triumphal, em cima do qual tremulavam as bandeiras das quatro nações aliadas na recente campanha da Criméa, Inglaterra, França, Sardenha, e Turquia: a pá com que a cerimonia se praticou era de prata maciça, bellamente esculpida com os sellos emblematicos das companhias dos caminhos de ferro de South-Western, e de Salisbury e Yeovil; uma senhora, miss Seymour, irmã do socio presidente da companhia, mr. Poole, desempenhou aquelle acto de revolver a terra com a pásinha de prata, assistindo mui notavel e luzida concorrência de espectadores.

M.

CHRONICA SEMANAL.

Poucas questões teem sido tão profundadas e debatidas no folhetim como a da crinoline, merinaques e saias-balões. Promettemos tambem o nosso voto profano e vamos dal-o. Em poucas palavras o resumiremos, e para sermos sinceros confessamos que muitas não tinhamos para dar em tão vasto e largo assumpto. Não seremos apologistas nem detractores d'esta moda porque lhe reconhecemos egualmente conveniencias e inconveniencias. Será bom declararmos que não differencamos o merinaque da crinoline e que ignoramos qual d'elles é mais preferido ou estimado. Julgamos portanto só do effeito que produz — nada mais. Temos lido todas as cartas femininas e masculinas que se tem escripto; quanto ás primeiras comprehendemos os conhecimentos profundos que revelam a similhante respeito, mas das segundas admira-nos.

Segundo a interpretação que se dá na nossa sociedade á phrase civilisado, somos obrigados a confessar que o folhetim da *Civilisação* civilisa-se; já falla dois idiomas estrangeiros, o que basta para o justificar.

O bello sexo tambem entrou no debate. Appareceu primeiro uma senhora franceza. Era justo. A nosso ver é quem tinha mais razão e direito para vir pugnar por uma moda, que era invenção do seu paiz, — como todas. A portugueza seguiu-se-lhe, tinha-a copiado como faz sempre, e veiu defender a copia. Este geito de imitação havemos de morrer com elle.

Quanto á hespanhola, essa é que nos admira. Até hoje tem conservado, com pequenas e suaves modificações, o seu traje nacional, que ninguem accomoda com egual elegancia e garbo, e devia olhar indifferentemente para os mais, certa de que lhe não são superiores em gentileza.

Agora nós confessamos que o donaire abrilhanta muito um vestuario, e realça o prestigio feminino: basta recordar a epoca em que appareceu para confirmarmos o nosso juizo. Mas entre o donaire do tempo de Luiz XIV e a tunica romana que algumas damas da republica franceza chegaram a resuscitar, hesitamos na preferencia. O primeiro pode entreter illusões, e as illusões dizem que são tudo; mas a segunda mostra realidades que são alguma coisa, e nós que não somos ambiciosos, contentamo-nos com estas.

D'aquí se prova que nós, ou queremos muita roda

nos vestidos ou nenhuma, ou muita apparencia ou muita verdade: meio termo é que não approvamos.

Dirão agora os leitores, mas onde está o seu voto * respeito das crinolines? Pois chama a isto tratar uma questão? O que concluiu afinal? Coisa nenhuma, responderei eu, mas é o que todos fizeram até agora: teem escripto muito sem dizerem nada; é n'isso que está a habitude.

Na quinta feira representou-se no theatro normal o drama em cinco actos, *Fazer Fortuna*, do sr. Antonio de Lacerda, cuja representação já tinhamos annunciado.

Teve um bello exito. Faremos brevemente a sua apreciação litteraria.

Consta-nos que entrará em ensaios uma comedia do sr. Mendes Leal imitada livremente do francez e intitulada um *Namoro da janella*.

Cintra continua a estar concorrida, apesar de não caber lá quasi ninguem e verem-se obrigados alguns hospedes a dormirem em cima das mesas, dos canapés e até de cadeiras.

Pelas ultimas noticias que recebemos, d'ali, constanos que a animação por ora tem sido muito pouca em proporção de outros annos. Continua a *pasmaceira* de tarde nos Sitiaes, e á noite no Peixe-frito. Pique-nique e soirées não tem havido, e sem estes divertimentos Cintra torna-se monotonica.

Preparamo-nos para partir um d'estes dias para lá, e então daremos conta circunstanciada do que lá vimos aos nossos leitores.

ERNESTO BIESTER.

BIBLIOGRAPHIA.

OBRAS PUBLICADAS PELO EDITOR DA ILLUSTRACÃO LUSO-BRAZILEIRA. — RUA AUREA, 227 E 228.

PANORAMA, semanario de instrucção e litteratura, redigido por muitos escriptores distinctos. Publica-se regularmente todos os sabbados um numero contendo 16 columnas de fol., com excellentes gravuras em madeira. Preço por anno, em Lisboa, 1\$300 rs.; semestre, 700 rs.; nas provincias, por anno 1\$570 rs.; semestre 830 rs. Publicou-se o 30.º num. do 13.º vol., 5.º da presente serie.

A SOCIEDADE DE D. JOÃO V., comedia drama em 5 actos, por L. A. Rebello da Silva e Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. 480

AS DUAS EPOCHAS DA VIDA, comedia em dois actos por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. 240

CAMÕES E O JÃO, scena dramatica em verso por Casimiro Abreu. 100

VIDA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO, por L. A. Rebello da Silva, 2 vol. em 8.º fr. br. 960

Esta excellente obra, saudada com unanime elogio pela imprensa periodica, constitue a primeira parte dos *Fastos da Igreja* do mesmo autor.

DALILA, drama em 4 actos e 6 quadros, por A. de Serpa, 1 vol. 8.º fr. 400

UM QUADRO DA VIDA, drama em 5 actos, por Ernesto Biester, 1 vol. 8.º fr. br. 480

RUDIMENTOS DE ECONOMIA POLITICA para uso das escolas por F. A. Marques Pereira, 1 vol. 8.º fr. 200

ADDIÇÕES AO MANUAL DO TABELLIÃO, por F. V. da S. Barradas, 1 vol. 8.º br. 200

POESIAS DE L. A. Palmeirim, 2.ª edição augmentada, 1 vol. 8.º fr. br. 600

OS HOMENS DE MARMORE, drama em 5 actos por J. da Silva Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º fr. 480

O HOMEM DE OIRO, drama em 3 actos (continuação do antecedente) pelo dito 1 vol. 8.º fr. 300

A CRUZ, drama em 5 actos por Luiz de Vasconcellos 1 vol. 8.º fr. 320

MEMORIAS DE LITTERATURA CONTEMPORANEA, por A. P. Lopes de Mendonça, 1. vol. 8.º fr. br. 720

MEDICINA LEGAL, por Sedillot; traducção do Dr. Lima Leitão, 2.ª edição, 2 vol. 8.º fr. 1\$200

A REDEMPÇÃO, comedia drama em 3 actos, por Ernesto Biester, com uma introdução pelo sr. Mendes Leal Junior 1 vol. oit. fr. 360

NATUREZA DAS COISAS, poema de T. Lucrecio Caro, trad. do Dr. Lima Leitão, 2 vol. 8.º brox. 800

POESIAS DE M. M. Barbosa du Bocage, edição completa em 6 volumes de 8.º fr. 4\$320

A HERANÇA DO CHANCELLER, comedia em 3 actos, e em verso, por J. S. Mendes Leal Junior, 1 vol. 8.º francez br. 400

OTHELLO, OU O MOIRO DE VENEZA, tragedia em 5 actos, imitação por L. A. Rebello da Silva, um vol. rs. 300

O CAMÕES DO ROCIO, comedia em 3 actos por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º fr. 300

No Prelo:

POESIAS DE J. S. Mendes Leal, 1 vol. 8.º fr. COMO SE SOBE AO PODER, comedia em 3 actos por L. A. Palmeirim, 1 vol. 8.º fr.

A TORRE DO CORVO, drama por I. M. Feijó, 1 vol. 8.º fr.